

LIBERDADE... A ÚLTIMA ESPERANÇA

O meu nome é Daniel, nasci em 1932, na Polónia, numa família judaica. Vivía com os meus pais e irmãos numa pequeníssima aldeia. A nossa casa era velha e suja, como muitas outras ao nosso redor, uma cozinha velha e uma sala com um sofá esburacado. Eu e os meus irmãos dormíamos no chão e os meus pais normalmente dormiam ou no sofá ou também no chão connosco. Enquanto a minha mãe se ocupava da casa, o meu pai trabalhava no campo. Era um homem moreno de olhos castanhos, alto e musculado. Para algumas pessoas ele era como um Deus na Terra pois a sua beleza não se igualava à de ninguém. Estava sempre ocupado a trabalhar para conseguir trazer comida para casa. Nós passávamos algumas dificuldades, mas apesar de tudo éramos uma família feliz. O meu pai estava sempre a dizer “o importante é termo-nos uns aos outros”.

Em 1939, começámos a passar ainda mais dificuldades, que se foram agravando ao longo do tempo. Os meus pais pensavam que eu não sabia o que se estava a passar no nosso país, pois aos olhos deles eu era apenas e só uma criança ignorante de sete anos, que passava os dias entre o trabalho no campo com o meu pai e as brincadeiras de rua com os meus amigos. Enquanto a maior parte dos meus amigos nem sequer sabia ler, eu para além de saber ler, sempre gostei de me manter informado sobre tudo o que se passava ao meu redor.

No final desse ano a nossa vida piorou ainda mais com o início da guerra, em casa só ouvia os meus pais a discutirem sobre o que seria melhor para a nossa família. Por sermos judeus éramos perseguidos. Tínhamos duas alternativas: fugir daquele local ou vivermos escondidos na esperança de não sermos apanhados. Infelizmente os nazis surgiram de repente e não houve tempo para nada. Capturaram todos os judeus naquela região.

Fiquei com medo, muito medo mesmo do que poderia acontecer, mas não podia fazer nada, apenas obedecer às regras impostas pelos nazis e tentar sobreviver a cada dia que passava. Fomos levados para um lugar escuro cheio de grades e barracões. Na entrada deste local estavam escritas umas palavras completamente desconhecidas para mim. Cada um de nós foi levado para um sítio diferente. Mulheres para um lado, homens para outro, sendo depois ainda separados por idades. A partir daí nunca mais vi a minha irmã Karol. O meu pai foi levado com os homens mais velhos, o meu irmão David seguiu num grupo de jovens adultos e eu fui num grupo só de crianças e adolescentes. Olhei para trás

e só vi guardas a gritar e gesticular para mim, provavelmente a dizerem para olhar para a frente, mas não tinha a certeza. O meu maior medo era o de nunca mais ver a minha família. Naquele momento apercebi-me que não sabia nada de nada do que se estava efetivamente a passar, nem sequer imaginava as terríveis atrocidades que me podiam acontecer. Segui em frente e entrei numa barraca já cheia com cerca de 30 indivíduos, onde se juntaram mais 20. O espaço, já de si sem grandes condições ficou sobrelotado. As idades do grupo compreendiam-se mais ou menos entre os 7 e os 17 anos. De início, por ser um dos mais novos, pensei que isso seria bom pois teria de trabalhar menos, mas estava muito enganado, muito mesmo.

Deixaram-nos umas calças e uma camisola que mais parecia um pijama, deram-nos cinco minutos para nos vestirmos e depois disso teríamos que esperar até alguém nos chamar. Quando finalmente um guarda entrou a gritar connosco em alemão assustei-me até dei um salto para trás. Sem ninguém perceber nada do que se estava a passar um rapaz diz:

- Ele está a dizer para o seguirem...

Sempre com medo sobre o que poderia acontecer, segui-o. Fomos em passo rápido até a uma pequena sala num edifício no meio do nada, onde estava apenas um homem e uma cadeira. O homem ia chamando as pessoas uma a uma para lhes rapar o cabelo. Eu fiquei com pena, pois o meu cabelo era belo e sedoso tal e qual ao do meu pai. Fomos depois levados para outra sala no mesmo edifício, esta um bocadinho maior do que a anterior, onde nos tatuaram uns números, o meu era 154738. Todos vestidos de "pijama", de cabeça rapada e numerados, tornámo-nos quase indistinguíveis. Deixámos de ser pessoas para ser coisas, que podiam ser usadas e abusadas à mercê dos senhores da guerra.

Voltámos para a barraca e passado algum tempo começámos logo a trabalhar, uns a carregar com caixas, peças em metal e ferro, outros ajudavam a trabalhar nas grandes máquinas. Os que tinham braços pequenos e delgados eram escolhidos para tirar as peças que ficavam presas nas máquinas. Às vezes as coisas não corriam lá muito bem e muitos de nós acabávamos gravemente feridos, e assim continuou durante meses e meses, a rotina de acordar, trabalhar, dormir e em alguns dias comer alguma coisa. O menu não era muito variado ou era uma sopa deslavada ou um bocado de pão duro.

Houve um dia que os guardas nos chamaram para tomar banho. Estranhei porque era coisa que nunca tínhamos feito. O meu instinto disse-me que não devia ir, então pensei e decidi esconder-me e quando todos tivessem saído eu saía daquela barraca e entrava noutra. Fiz isso e correu bem, nenhum guarda me tinha visto. Por sorte entrei na cabana onde o meu pai estava. Apesar da magreza extrema que lhe roubou a beleza aos poucos, ele estava bem. Fiquei feliz quando o vi. Comecei a chorar de saudades e abraçámo-nos.

Logo em seguida fomos mandados para um local cheio de bigornas, cada uma maior que a outra. O meu pai estava preocupado pois não sabia se eu suportava todo aquele trabalho duro, que provavelmente acabaria por me matar. Mas aguentei e peguei numa de cada vez e devagarinho levava até ao local onde as tinha de deixar. Levantei tanto peso que o meu corpo era uma dor pegada, mas eu fui-me habituando.

Numa outra ocasião, um guarda apanhou-me distraído. Estava a pensar no resto da minha família. Estariam bem? O guarda veio até mim e começou a dizer para eu estar com atenção no que estava a fazer e não atrasar o trabalho. Alertou-me tantas vezes que se fartou e deu-me vinte chicotadas nas costas. Nessa noite nem dormi. As feridas abertas não me deixavam repousar o corpo na madeira fria e velha. Ao amanhecer estava tão exausto e dorido, que até me custava mexer. Nesse momento jurei a mim próprio que eu nunca mais iria ficar distraído enquanto trabalhava, senão as consequências ainda podiam ser bem piores.

Fui para a área de trabalho e para minha surpresa encontrei a minha mãe, estava a tratar de roupas igual á de todos nós. Os uniformes não pareciam muito limpos, alguns com manchas vermelhas, que se assemelhavam a sangue. Achei estranho e o meu estomago deu voltas quando de repente me apercebi que nunca mais tinha visto as pessoas que estavam comigo na minha antiga barraca. Provavelmente o dito “banho” não era bem o que parecia. Eu costumava ouvir os adultos a falarem sobre um local que nós entramos e nunca mais voltamos. Teria sido isso que lhes tinha acontecido? Não sei, mas na inocência da minha idade preferi pensar que tivessem sido transferidos para outro campo.

Angustiado e a olhar para a pessoa com quem eu mais queria abraçar naquele momento, chamei a minha mãe a com todas as minhas forças. Quando ela

reparou em mim comecei a chorar compulsivamente, afinal eu era só uma criança que queria um colo da mãe.

Fui puxado de repente para a minha realidade, quando um guarda me agarrou por debaixo dos braços e perguntou-me o que é que estava a fazer ali. Eu respondi que aquele era o meu grupo e com medo comecei a correr para longe dali. O guarda duvidou e seguiu-me juntamente com outros. Por momentos pensei que a minha história acabaria ali.

Acelerei o passo e só pensava para comigo mesmo... não tropeces em nada, não caias, se eles te apanham matam-te. Dei uma volta completa ao campo quase tão rápido que quase ninguém me viu. Entrei numa nova barraca, esta repleta de velhos, saí e corri para a barraca do lado. Esta sim, era a melhor para eu ficar, estava com homens dos vinte aos trinta anos, a idade ideal para os nazis, pois não eram demasiado novos nem demasiado velhos, e assim não os “descartavam” com tanta facilidade. Era assim o local ideal para me esconder... a probabilidade de sobreviver era maior.

E assim se passaram semanas que pareciam anos, meses que pareciam séculos, o tempo passava tão devagar que já tinha perdido a noção do dia, do mês, do ano em que estávamos. Só tinha a certeza de uma coisa, aquele mundo em que eu estava a viver não o desejava a ninguém, era aquele sentimento que as coisas já não faziam sentido, tinha perdido a razão de viver, eu só queria ser livre, queria ter a minha liberdade de volta, como nos velhos tempos em que eu tinha a minha família junta e amigos para conversar, brincar ou até andar à luta. Até aquele sentimento de liberdade que me confortava enquanto olhava para o sol, tornara-se numa nuvem cinzenta que a todas horas quer fosse dia ou noite estava ali. Havia dias que começava a chover e nunca mais parava durante semanas a fio. Habituei-me aquele mundo dantesco em que vivia, já não tinha muita esperança de conseguir sair daquele campo. Para isso seria preciso um milagre.

O meu trabalho continuava o mesmo, sempre a acartar com pesos. Pelo menos conseguia ver o meu pai, trabalhávamos no mesmo local. E assim os dias se passaram, lentos e iguais a todos os outros. Num dia chegaram uns homens à nossa barraca que iam ocupar as vagas deixadas por outros. Um deles aproximou-se de mim e perguntou-me se eu o reconhecia. Fiz uma cara estranha e disse-lhe que não estava a ver quem era. Depois esse rapaz começou a dizer

coisas que só eu e o meu irmão sabíamos, mas era impossível aquele ser o meu irmão, não eram nada parecidos e eu nunca mais tinha visto o David.

- Espera aí, David? – perguntei envergonhado.

- Sim, sou eu mesmo. – respondeu o meu irmão. Nem podia acreditar. Abracei-o de imediato com toda a minha força. Olhava para a cara dele para ver se era mesmo real ou só um sonho ou alucinação, fiquei agarrado a ele durante algum tempo, nem podia acreditar que era ele mesmo ali à minha frente. Nessa noite agradei a Deus por não ter roubado a vida ao meu irmão e rezei para que Deus salvasse toda a minha família. Também rezei para que Deus acabasse com a guerra no mundo e me deixasse viver em liberdade novamente.

Nos dias seguintes cresceu em mim uma esperança que isto ia acabar. Acordava de manhã com mais energia e ânimo, com confiança que aquele seria um dos últimos dias de trabalho árduo.

O tempo foi passando e esse ânimo foi desaparecendo, pois, aqueles dias nunca mais acabavam. Até parecia que estava a viver num loop infinito, que apenas o homem mais poderoso naquela altura podia parar. O seu nome era Hitler, o homem que sacrificou a vida de muitos só para ter o dito mundo perfeito que ele queria. Até hoje penso porque é que ele fez isto, o que é que ele ganhava ao matar quase metade do mundo. Irritava-me só de pensar nele e nada podia fazer para o parar nem para simplesmente abrir-lhe os olhos, para ver o quão mal estava a fazer ao mundo.

Continuei a minha vida, sempre a trabalhar, trabalhar até não poder mais. Lembro-me que uma vez tive de ir á enfermaria porque me tinha magoado e quando lá cheguei não queria mais sair, pois era o melhor sítio, davam mais comida, tratavam-nos melhor, mas como nada é para sempre tive de ir para o habitual trabalho.

Quando finalmente tinha perdido a esperança que a guerra acabasse, começaram-se a ouvir boatos que a Alemanha estava a ficar sem soldados, sem armas e principalmente sem dinheiro para sustentar o país. Claro que quando ouvíamos os guardas a dizerem isto nós respirávamos de alívio porque de uma vez por todas havia um motivo para acreditar que aquele mundo dantesco em que vivíamos iria acabar e nunca mais voltar.

Havia mais prisioneiros a revoltarem-se contra os nazis, com a raiva que sentiam alguns até chegaram a fazer uma espécie de manifestação contra os

guardas que ali se encontravam. Claro que acabaram por morrer ou serem torturados porque podiam até serem muitos, mas os guardas tinham armas e eram treinados para atacar algo ou alguém a qualquer momento. Eu nem sequer tinha coragem para falar com eles pois sabia que aquilo ia acabar por dar para o torto.

A cada dia que passava havia mais mortes por causa desses ataques, chegou a haver uma vez que revoltaram-se tantos prisioneiros que os guardas mataram-nos a todos, era para aí cinquenta corpos no meio do chão lamacento. Ficava cheio de arrepios com a quantidade de sangue que ficava a escorrer pelo chão, por vezes era tanto que tínhamos de ir limpar ou simplesmente deixá-lo ali a um canto e esperar até ser levado pela chuva. Era revoltante ver que ali morreram pessoas inocentes e ninguém se importava. Para os nazis nós éramos simplesmente bonecos sem família, amigos, sem sentimentos, sem nada.

Assim se passaram dias e dias a fazer sempre a mesma coisa. Nos últimos meses que eu ali fiquei, muitas vezes caía em fraqueza pois não havia comida, muitas vezes caía no chão desmaiado e ficava ali até alguém me ir buscar, o que poderia demorar bastante tempo. Os guardas não queriam saber e ninguém tinha coragem para largar o trabalho sob pena de serem severamente castigados.

Um dia acordei para mais um dia igual a tantos outros. Saí da barraca para ir trabalhar e reparei que não havia guardas lá fora e várias pessoas corriam para fora daquele portão. Achei estranho, pois, ninguém podia sair dali, então perguntei ao meu irmão se ele sabia o que se estava a passar. Ele ainda meio adormecido levantou-se e respondeu de uma maneira bruta.

- Deixa me estar, nada se está a passar!

Irritei-me porque nunca ninguém acreditava em mim. Eu sei que era só uma criança, mas eu não era mentiroso, especialmente numa situação destas. Então dei-lhe uma chapada com toda a minha força e disse-lhe:

- Levanta-te agora! Eu sei que posso ser uma criança e que a minha palavra pode ser inútil, mas por uma vez que seja acredita em mim.

Assim que disse isto, senti um grande alívio, pois nunca tinha tido coragem de falar assim para ninguém. Duma vez por todas parecia que tinha sido ouvido. De imediato ele levantou-se e ainda com os olhos meio fechados olhou lá para fora e não podia acreditar no que estava a ver, esfregou os olhos para ver se aquilo

era realmente o que parecia. Bateu-me levemente como se estivesse excitado, pegou-me na mão e corremos dali para fora. O nosso desespero era tão grande que nem sequer olhamos para trás para ver se víamos os nossos familiares, só corremos para casa. Como era de imaginar a nossa casa era muito longe dali, mas continuamos a correr até não vemos mais vestígios daquele campo. Lembro que olhei para o céu nessa altura e reparei que estava mais bonito do que aquele que víamos dentro do local de onde tínhamos fugido. Agradei a Deus por nos ter devolvido a nossa liberdade e por me ter mantido são e salvo durante todos aqueles anos que se tinham passado.

Corremos tanto que fomos dar a uma estrada em que estavam a passar carros de combate, nós ficámos com medo que fossem os alemães então escondemos nos arbustos que estavam ali perto. Mas não serviu de muito, pois os soldados que estavam nos tanques viram-nos e chamaram-nos. Eram diferentes dos guardas do campo e as fardas não eram as tipicamente alemãs. Ao aperceber-me que se tratava das tropas aliadas levantei-me e corri até eles a chorar, a perguntar onde estávamos. Eles foram muito simpáticos e disseram onde estávamos e ainda melhor, ofereceram-nos boleia até à nossa aldeia.

Chegámos a casa, mas não entrámos logo, estivemos a ver se víamos os nossos pais e só passado algumas horas é que eles apareceram, de mãos dadas iam caminhando alegremente pois deviam estar felizes de estarem juntos novamente. Eu e o David corremos até eles e abraçámo-nos com toda a nossa força. Depois de uma longa sessão de choro e felicidade finalmente ganhámos coragem de entrar em casa. Estava praticamente igual tirando a parte que estava cheia de pó e baratas pelo chão, mas continuamos em frente até ao quarto e deitamos nós todos no chão com almofadas debaixo de nós e dormimos uma sesta que nos valeu a vida. Dormir no chão da minha velha casa foi a coisa mais confortável que senti nos últimos anos e soube tão bem.

Apesar de toda a felicidade, faltava a minha irmã. Perguntava-me se estaria viva e a caminho de casa. Só nos restava aguardar. Esperámos durante meses e nem sinal dela. Quando já não tínhamos esperanças de a voltar a ver, ela apareceu à porta de nossa casa com um homem belo a seu lado. Quando a vi corri em direção a ela e abracei-a juntamente com o resto da família. Nestes anos que ela estava desaparecida, tinha casado e estava à espera de uma criança para completar a nossa família.

Com isto finalmente podia viver em liberdade, pois tinha todas as pessoas que eu amava a meu lado e iria fazer de tudo para que aquilo nunca mais acontecesse.

Hoje em dia graças a Deus que nunca mais aconteceu mais nenhuma guerra igual a esta e todos nós podemos viver em LIBERDADE.